

EUA barram resolução na ONU, e Israel aceita liberar ajuda a Gaza

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

ALÍVIO INCIPIENTE
Durante visita de Biden, Israel concorda em autorizar ajuda parcial a Gaza pelo Egito



Apoio incondicional. Biden e Netanyahu na visita do americano a Tel Aviv



Bombardeio incessante. Dois homens carregam uma menina ferida em meio a escombros em um ataque israelense à cidade de Deir al-Balah, no centro da Faixa de Gaza; mortos já são milhares

CRIMES DE GAZA TEL AVIV

Onze dias após o início de uma guerra entre o grupo terrorista palestino Hamas e Israel que já deixou ao menos 6.300 mortos, 17 mil feridos e cerca de um milhão de pessoas deslocadas na Faixa de Gaza, submetida a um pesado bombardeio e a um "cerco total" pelas forças israelenses, surgiram ontem os primeiros avanços — ainda que limitados — na tentativa de aliviar a situação da população do território.

Durante a visita do presidente dos EUA, Joe Biden, a Israel, foi anunciado pelos dois governos um acordo para permitir a entrada de alimentos, água e medicamentos no sul de Gaza a partir do Egito.

A iniciativa ocorreu no mesmo dia em que os EUA usaram seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU para bloquear uma resolução promovida pelo Brasil que pedia uma pausa humanitária na região. O pacto, conforme anunciado pelo governo israelense, consiste na entrada de "alimentos, água e remédios para a população civil" de Gaza, que tem 2,3 milhões de habitantes.

Israel condicionou o sinal verde para a entrada de assistência humanitária em Gaza à garantia de que nenhuma parte dela irá para o Hamas. Em paralelo, Israel continuará bloqueando todos os suprimentos, como eletricidade, provenientes de seu próprio território enquanto houver reféns israelenses em Gaza — 199 segundo as autoridades do país, e cerca de 250 segundo o Hamas.

100 CAMINHÕES À ESPERA

O anúncio do acordo ocorreu ao fim de uma visita relâmpago de seis horas de Biden a Israel, sua primeira ao país em tempo de guerra. No avião presidencial na volta a Washington, Biden conversou com o presidente egípcio, Abdel Fattah el-Sisi, que se comprometeu a deixar passar 20 caminhões de ajuda internacional em um primeiro teste para ver se o Hamas não se apodera dos carregamentos. Dias atrás, o Egito declarou haver cerca de 100 caminhões com centenas de toneladas de ajuda humanitária em El-Arish, no Sinai, à espera de um sinal verde para a entrega de assistência humanitária a Gaza.

Se o Hamas os pegar ou não os deixar passar, então está tudo acabado — disse o presidente dos EUA aos repórteres, acrescentando que a ajuda deve começar a entrar amanhã.

O gabinete do premier israelense, Benjamin Netanyahu, que ganhou um respaldo momentâneo com a visita de Biden, reforçou essa condição em comunicado: "Quaisquer suprimentos

INFRAESTRUTURA DESTRUÍDA POR ATAQUES EM GAZA



RESIDÊNCIAS 8.840 residências foram destruídas e 5.434 foram danificadas.



TEMPLOS RELIGIOSOS Ao menos sete igrejas foram danificadas e 11 mesquitas destruídas em ataques.



UNIDADES DE SAÚDE 57 ataques em unidades de saúde, com danos a 26 hospitais e 23 ambulâncias, sem contar o bombardeio ao Hospital. Árabe al-Ahli. Entre eles, quatro hospitais do norte de Gaza evacuados.



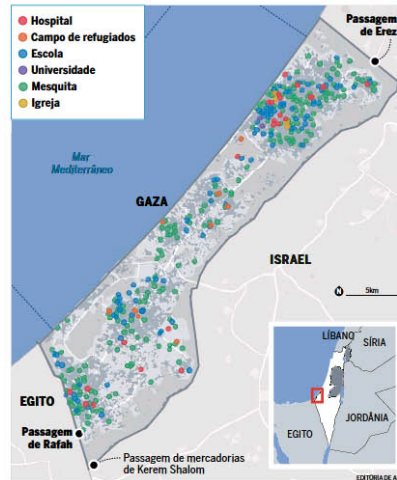
UNIDADES DE ENSINO 167 unidades de ensino atingidas por ataques aéreos, incluindo 20 ligadas à ONU e uma universidade.



ABASTECIMENTO DE ÁGUA Ao menos seis poços de água, três estações de bombeamento, um reservatório e uma usina de dessalinização foram danificadas.



DESLOCAMENTOS Mais de 1 milhão de pessoas deslocadas em Gaza. Mais de 352 mil estão em abrigos da ONU no sul e no centro de Gaza. Mais de 55 mil estão em abrigos ao norte.



que cheguem ao Hamas serão impedidos."

Viagem de Biden foi marcada pelo massacre de centenas de palestinos por uma explosão de autoria ainda desconhecida em um hospital de Gaza na terça-feira. O incidente, que segundo autoridades locais matou 471 pessoas, desencadeou fortes reações no mundo árabe e acabou torpedeando uma reunião de cúpula que Biden teria com líderes de Jordânia, Egí-

to e Autoridade Nacional Palestina para discutir caminhos de saída da crise.

Desde o momento em que Biden aterrissou em Tel Aviv pela manhã até fazer o anúncio da ajuda humanitária, o foco estava no que ele diria sobre o massacre no Hospital Árabe al-Ahli, que as autoridades de Gaza atribuíram a um míssil israelense, e Israel, a um foguete lançado pela Jihad Islâmica que errou o alvo. Em seu discurso de abertura ao lado de Netanyahu, Biden disse que estava "triste e indignado" com o massacre e, mais tarde, corroborou a versão israelense sobre um "foguete fracassado de um grupo terrorista" como o motivo da explosão.

Biden também condenou fortemente o Hamas, que iniciou a guerra com um ataque terrorista maciço em território israelense no dia 7 de outubro — a maior ofensiva sofrida pelo país desde a Guerra do Yom Kippur 1973 — que deixou cerca de 1.400 mortos, a grande maioria civis assassinados. O presidente disse que o Hamas cometeu naquele dia "atrocidades que fazem o ISIS [Estado Islâmico] parecer mais racional", ofereceu seu total apoio aos israelenses — "vocês não estão sozinhos" — e anunciou que pedirá ao Congresso dos EUA nesta semana um pacote de ajuda "sem precedentes" para Israel.

MAIORIA NÃO É HAMAS

Mas ele também reiterou a posição oficial de Washington sobre a necessidade de criar um Estado palestino para resolver o conflito no Oriente Médio e enfatizou que "a grande maioria dos palestinos não é do Hamas". Biden recomendou comedimento a Israel em sua resposta militar aos ataques terroristas, que deixaram Gaza à beira de uma catástrofe humanitária, e alertou para que o país não cometa os mesmos erros dos EUA após o 11 de Setembro.

— A justiça deve ser feita. Mas faça uma advertência: ainda que sintam essa raiva, não se deixem consumir por ela. Depois do 11 de Setembro, ficamos com raiva nos Estados Unidos. Enquanto buscávamos justiça e obtivemos justiça, também cometemos erros — disse o presidente, que também anunciou US\$ 100 milhões (mais de R\$ 500 milhões) em ajuda humanitária para Gaza e a Cisjordânia.

Na frente diplomática, o premier britânico, Rishi Sunak, anunciou que viajará a Israel hoje como parte de uma visita ao Oriente Médio. Por sua vez, com o temor de uma escalada entre Israel e o grupo xiita libanês Hezbollah, junto a seu aliado Irã, vários países exortaram seus cidadãos a saírem do Líbano.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 15